



“AINDA ESTOU AQUI” E O CIMENTO SOCIAL¹

“AINDA ESTOU AQUI” AND SOCIAL CEMENT

Álvaro Nunes Larangeira²

Juremir Machado da Silva³

Resumo: Este artigo examina o que pode ser chamado de efeito “cimento social” gerado por “Ainda estou aqui” (2024) a partir do momento em que Fernanda Torres ganhou o prêmio Globo de Ouro de melhor atriz por sua atuação na obra dirigida por Walter Salles e o filme teve 3 indicações ao Oscar 2025.

Palavras-chave: Cimento social. Cinema. Globo de Ouro. Oscar 2025. Cultura brasileira.

Abstract: This article examines what can be called the “social cement” effect generated by “Ainda estou aqui” (2024) from the moment Fernanda Torres won the Golden Globe award for best actress for her performance in the film directed by Walter Salles and the film received 3 nominations for the Oscar 2025.

Keywords: Social cement. Cinema. Golden Globe. Oscar 2025. Brazilian culture.

Cena de abertura

Uma ciência jovem, parafraseando uma das mais velhas imagens duvidosas à disposição de todos, precisa, como a mulher de César, parecer rigorosa. Não lhe basta ser rigorosa. Assim, uma ciência jovem não pode se descuidar da sua imagem. Mesmo em tempos de questionamento do positivismo científico, que falava de verdades definitivas e não se via apenas formulando hipóteses numa perspectiva probabilística de enunciação de verdades, uma ciência jovem tem de convencer que está além da opinião. A *doxa* – o uso de um termo erudito cria um efeito de legitimação e disfarça a idade de uma disciplina – é o vírus mortal da científicidade em estado nascente ou em vias de consolidação da sua respeitabilidade. O inimigo maior da ciência jovem é o ensaísmo. O compromisso da ciência jovem é com a

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Cultura. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2024.

² Pós-Doutorando Sênior/CNPq e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCOM/PUCRS). Doutor em Comunicação Social (PUCRS). E-mail: larangeira@terra.com.br.

³ Professor titular e coordenador do PPGCOM/PUCRS. Doutor em Sociologia (Paris 5 René Descartes). E-mail: juremir@pucrs.br.

evidência alcançada como resultado de pesquisa. Do mesmo modo que a reportagem faz do repórter um “cientista” do jornalismo na medida em que vai, pela obtenção de evidência, além da crônica subjetividade de comentaristas, cronistas e outros profissionais da *doxa* jornalística.⁴

A comunicação é uma ciência jovem. Abomina o ensaio. Faz sentido. Assim como a antropologia de campo abominou e sepultou a antropologia de gabinete do século XIX.⁵ O discurso científico, porém, estrutura sua narrativa como um gênero, com marcas e passos a seguir. Nos filmes de faroeste, durante muito tempo, o gênero obrigava a passar pelo duelo. Nos romances do século XIX a articulação entre discurso direto e indireto era praticamente uma lei. Na estrutura clássica da narrativa era fundamental passar pelas etapas da exposição, do conflito e do desfecho. O discurso acadêmico não dispensa a citação, como legitimação pela autoridade do citado ou demonstração de humildade em relação ao já abordado. Robert Park, membro histórico da Escola de Chicago, com um pé no jornalismo e outro na sociologia, via as ciências sociais como uma forma de jornalismo.⁶

Uma ciência jovem, como a comunicação, não pode, portanto, fazer strip-tease em praça pública. Ainda não alcançou legitimidade para a metalinguagem. Não deixa de ser paradoxal que uma ciência tão apegada ao resultado de pesquisa e aos artigos publicados em periódicos, influências das ditas ciências duras, legitime-se o tempo inteiro com citações de autores de livros, intelectuais que fazem algo entre filosofia e sociologia da cultura a partir de intuições, muitas vezes extraordinárias, pode-se até usar o termo romântico “geniais”, especulações e generalizações, semeando conceitos, noções, ferramentas fundamentais para a compreensão dos fenômenos sociais, classificados e utilizados na categoria cientificamente aceita da “fundamentação teórica”. Um guarda-chuva acima da evidência.⁷

Faz parte das mitologias das ciências humanas a crença em teorias que explicariam os acontecimentos para além dos seus aspectos contingentes, eliminando contradições e unificando-os sob as premissas de uma interpretação global, universal e intemporal.⁸ Alcançar a teoria se impôs como a meta da ciência respeitável. As teorias, contudo, costumam ser

⁴ Sobre o discurso científico na pós-modernidade, remete-se ao clássico contemporâneo *O pós-moderno*, de Jean-François Lyotard. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1986.

⁵ Ver Erickson, Paul; Murphy, Liam. *História da teoria antropológica*. Petrópolis: Vozes, 2015.

⁶ Ver “A função cognitiva do jornalismo (A contribuição de Robert E. Park)”, artigo de Aluizio Ramos Trinta e Teresa Cristina da Costa Neves, em <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/16523720091757871551995647517951473973.pdf>.

⁷ Ver Eagleton, Terry. *Depois da teoria*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

⁸ Ver *Contra o método*, de Paul Feyerabend. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.



elaboradas a partir da força de mentes portentosas na solidão dos seus insights. Falar insights tem mais respeitabilidade do que insistir em intuição. O que seria da pesquisa de campo sem essas “sacadas” globalizantes? Sem os “conceitos”, tomados muitas vezes como mais reais do que a realidade, capazes de iluminar a escuridão da concretude cotidiana?

A crença no papel explicativo global das teorias é uma questão cultural das ciências humanas.⁹ Um imaginário. Uma construção histórica gerada em disputas sucessivas.¹⁰ Este longo “nariz de cera”, no jargão jornalístico, tem a missão de sustentar que o ensaio é parte inerente às ciências humanas, que pode ser útil, que é dissimulado em boa parte dos artigos “científicos” e que pode ser uma boa ferramenta para formulação de conceitos ou a confirmação da pertinência de noções forjadas por pensadores, tarefa que ocupa parte considerável das dissertações, teses e pesquisas em ciências sociais, notadamente na comunicação. Em sociedades com a liberdade de pensamento, a ciência viceja com base no primado do debate de ideias, hipóteses, teorias e visões de mundo. O pluralismo teórico e metodológico é o princípio fundador do empreendimento científico.

A cena de abertura deste artigo sobre o filme “Ainda estou aqui” não vem da obra, não foi filmada, mas, no âmbito deste texto, é o resultado de um efeito gerado pela obtenção de um prestigioso prêmio internacional pela atriz protagonista do filme, Fernanda Torres. Que efeito foi esse?

A proposta aqui é, a quente, no calor absoluto dos acontecimentos, pensar a pertinência de uma noção a partir do efeito provocado pela premiação de um filme. Não se trata de analisar a estética da obra ou o seu conteúdo, mas de, com base no relatado por diferentes veículos de mídia, refletir sobre a cultura brasileira como “laço social”. O antropólogo Roberto DaMatta há muito fez a pergunta básica como título de um dos seus livros: *O que faz o Brasil, Brasil?*¹¹ O que faz uma cultura é o cimento, a cola, que liga as pessoas entre elas. No caso brasileiro, a relação.

Cimento social e relação

O sociólogo francês Michel Maffesoli recusa o termo conceito. Prefere usar noção. Conceito para ele remete a uma tradição filosófica que faz do abstrato algo mais importante do

9 Ver Morin, Edgar. *O método 3: o conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

10 Ver Popper, Karl. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 2005.

11 Ver DaMatta, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.



que o concreto.¹² Maffesoli trabalha com o cotidiano, esse mundo do vivido feito de pequenos acontecimentos, quase nada, significativos para a permanência do todo, o social, que ele chama de societal para fazer uma separação entre o social mecânico e um social orgânico, intenso, renovado, vivo, articulado, inseminador. Se um conceito pode ser entendido como mais real do que o real, a noção é só uma ferramenta, uma etiqueta para designar provisoriamente aquilo que se descreve. Como uma sociedade permanece agregada? Por que não se desestrutura? Por imposição da força? Por força da ideologia? Na concepção de Maffesoli essa permanência se dá muito mais pela ação dos imaginários compartilhados, essas ficções sociais vividas como realidades que transfiguram o cotidiano, dando-lhe, por vezes, ares mágicos, gerando encantamento, uma sensação de fazer parte de algo muito significativo.

Em outras palavras, tem sempre algo que serve de “cola” social, um elemento simbólico que une uns aos outros e não deixa o todo se desintegrar, funcionando com mais efetividade do que a repressão e a ideologia, caso esta seja vista como deformação interessada do vivido. Roberto DaMatta comparou a cultura brasileira com a cultura dos Estados Unidos. Para ele, a cultura americana se caracteriza pela ideia rígida de respeito à lei. Já no caso brasileiro o que contaria é a relação estabelecida entre as pessoas, relações de proximidade, afeto, parentesco, lealdade, compromisso, dívida, etc. A relação funcionaria como um conjunto de posições que se comunicam. A posição nessa cadeia relacional é a possibilidade, não rara, de contornar a lei. A cola social da cultura brasileira seria o vínculo num sentido de obtenção de pequenos ou grandes privilégios.

Relacional quer dizer comunicação, mas uma comunicação não necessariamente simétrica. Quando alguém diz que é primo de fulano, algo comum nas interações da cultura brasileira, quer indicar uma posição na qual fulano pode trazer-lhe um benefício capaz de abrir uma porta que pela regra deveria estar fechada. Em *A Casa e a rua* (1997, p. 148-149), DaMatta evidencia uma interpretação original e consistente da “brasilidade”:

Em um universal relacional como o brasileiro, nada mais nítido do que essa visão múltipla do mundo, onde se oscila entre pelo menos três posições fundamentais dadas pela *casa*, pela *rua* e pelo *outro mundo*. Realmente, tenho elaborado sistematicamente a possibilidade de estudar a sociedade brasileira (e, por extensão, as sociedades relacionais) explorando o

12 Ver *Le temps revient* (2009a, p. 178): “À l’opposé du concept quelque peu rigide et expliquant un monde clos et purement rationnel, mettre en place une pensée utilisant notions, métaphores, analogies et allusions”. [“Em oposição ao conceito um tanto rígido que explica um mundo fechado e puramente racional, estabelecer uma maneira de pensar usando noções, metáforas, analogias e alusões”].



desenho dos seus espaços internos mais abrangentes. De modo que, quando falo em *casa*, *rua* e *outro mundo*, não estou me referindo somente a uma divisão geográfica ou meramente física da sociedade, mas a esferas de ação e significado social de onde se arma e vislumbra toda uma cosmologia. Afirmo que as diferenças de poder, prestígio e dinheiro que ocorrem na nossa sociedade – e aqui temos um sistema marcado pela graduação entre *o mais e o menos* – acontecem sempre entre esses três planos básicos de nossa existência como uma totalidade ordenada. De fato, suprimir uma dessas esferas de significado social seria mutilar nossa possibilidade de formar uma ideia integrada do todo, pois para haver sociedade seria fundamental termos a *casa*, a *rua* e o *outro mundo*.

Para Roberto DaMatta o todo brasileiro se articula em torno de um eixo relacional que posiciona cada um diante do poder possuído, do prestígio possível de ser auferido e do lugar numa rede de proteção e favores. Como bom antropólogo, DaMatta não julga nem distribui pontos. Tenta fazer emergir aquilo que caracterizaria a cultura brasileira. Nas entrelinhas, contudo, parece evidente que o Brasil se apresenta com um déficit de racionalidade e republicanismo em relação à cultura individualista e legalista norte-americana. No trecho citado acima, o grande antropólogo brasileiro, certamente com Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro parte do trio antropológico mais original do Brasil, tomava o “*outro mundo*” como esse lugar ausente e presente constituído pela morte.

Se para DaMatta a relação traduz interesses que se perpetuam no tempo, mesmo que não se tenha consciência disso, para Maffesoli a relação tem a ver com relativismo e com vibração em comum entre pessoas próximas ou distantes, presencial ou virtualmente. Colocar em relação relativiza verdades com pretensões à eternidade. Estar com outros produz uma dinâmica particular, uma sinergia, a liberação de uma energia de conjunção. Se, na leitura de Roberto DaMatta, em casa cada um é único, na rua todos se tornam anônimos e no outro mundo cada um ganha uma nova vida simbólica na memória dos que ficam, conforme sua posição na cadeia visível/invisível, para Michel Maffesoli casa e rua se encontram no outro mundo temporário do imaginário compartilhado. O “cimento social” é essa liga que junta diferentes numa vibração momentânea para além das classes sociais e das posições na cadeia de poder e prestígio, como na hora do gol do time do coração de cada um.

Em *O mistério da conjunção* (2009b, p. 59), Maffesoli situa:

O concreto e a retórica, a imagem e o verbo, são expressões do barroco cotidiano em que o menor acontecimento anódino torna-se sumptuoso e teatral. Mais uma vez, aparece a predominância da imagem, do aparecer, do insignificante. O ritual social culmina nessa retórica pictórica que sintetiza o trajeto da gesticulação humana. O jogo teatral esgota-se no seu próprio ato. Nesse sentido, pelo seu confronto com a finitude, ele é trágico. Mas se trata de um trágico visual, um trágico de ópera, em que, numa conjunção de imagens e de



palavras, todo um espaço público desenha-se, espaço da troca, da circulação sem fim dos afetos e das paixões.

O “cimento social”, aquilo que faz comunidade e gera um “pacto emocional” espontâneo e provisório, pode se expressar por meio de qualquer acontecimento ou figura social. O Brasil já se viu ligado pelo amor ao futebol, especialmente nos anos gloriosos da seleção brasileira de futebol, do choque com a perda do título, contra o Uruguai, em 1950, que resultou na palavra traumática “maracanaço” ou “maracanazo”, aos triunfos em 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002, passando por 1982, quando a equipe encantou o mundo, mas não ganhou. Vibrar com a “seleção” era gozar em coletividade, pertencer a algo pulsante, estar em sintonia com os outros, conhecidos e desconhecidos, “numa grande corrente”, como dizia a música entoada em 1970. Essa performance foi apropriada pela ditadura cívico-midiática-militar implantada no país em 1964, o que transformou imaginário em ideologia.

Em *Le temps revient* (2009a, p. 49), Michel Maffesoli precisa o que entende por “cimento social”:

Ce qu'il faut retenir de l'habitus de saint Thomas, c'est que le ciment social, l'éthique (ethos) se confectionne à partir de ces rituels anodins, ceux de l'avie de tous le jours, rituels constituants de bout en bout, la *liturgie sociale*. Faut-il rappeler que, en son sens étymologique, *leitourgia* est l'œuvre publique: un “service public”, des spectacles aux dépenses militaires, grâce auquel une cité se constitue en tant que telle. Ainsi, na reliance communautaire, le fait d'être “relié” et d'avoir confiance se fonde sur la sédimentation de toutes ces petites choses. Sédimentations faisant, en son sens strict, culture. Voilà en quoi le présent et le “site” où ce présent s'enracine, constituent le *divin social*.¹³

Para Michel Maffesoli as sociedades se sustentam amparadas nos imaginários que “magificam” o cotidiano: “L'imaginaire quant à lui pourrait être ce ciel des idées qui, d'une manière quelque peu mystérieuse, assure la cohésion de l'ensemble sociale” (2009a, p. 172).¹⁴ É dessas coisas ínfimas, tão pequenas que normalmente são desprezadas pelas ciências sérias, que se faz a cola social. Vibrações compartilhadas que ligam remotamente estranhos,

13 “O que devemos lembrar do habitus de Santo Tomás é que o cimento social, a ética (ethos) é feito desses rituais triviais, aqueles da vida cotidiana, rituais que, em última análise, constituem a liturgia social. Recorde-se que, no seu sentido etimológico, *leitourgia* é obra pública: um ‘serviço público’, desde espetáculos até despesas militares, graças ao qual uma cidade se constitui como tal. Então, a dependência da comunidade, estar ‘conectado’ e ter confiança é baseado na sedimentação de todas essas pequenas coisas. Sedimentações que fazem, em sentido estrito, cultura. É assim que o presente e o ‘lugar’ onde esse presente está enraizado constituem o divino social.”

14 “O imaginário, por sua vez, poderia ser esse céu de ideias que, de forma um tanto misteriosa, assegura a coesão do todo social.”



estabelecem vínculos imaginários, reforçam a ideia de pertencimento, fornecem um totém em torno do qual comungar e atualizam a noção de nacionalidade, que não precisa descambar para o nacionalismo, mas, como no caso das seleções de futebol, valoriza um “nós” e “eles” sadio, sem resvalar para a xenofobia. Se isso acontece, algo falhou. O princípio da seleção é o pertencimento a um lugar. Naturalizações são permitidas. Não é possível, porém, como nos clubes, “comprar” jogadores que já tenham atuados por outras nações para formar uma seleção de “craques” mundiais.

Um desejo de comunidade, segundo Maffesoli, assentado sobre um “rélationnisme ominiprésent” (2009a, p. 167). Roberto DaMatta deixa sugerido que a cultura brasileira tem um déficit de modernidade e de racionalidade. Michel Maffesoli vê na modernidade um excesso de racionalização, um “desencantamento do mundo” que, no ponto da sua saturação, esbarra na “utilisation magique de la technologie” (2009a, p. 163). Mas também no retorno do emocional por diferentes vias, inclusive aquelas que tradicionalmente fazem parte da cultura brasileira, como o carnaval, os rituais das religiões de matriz africana, que o sociólogo francês admira, respeita e procura frequentar em suas vindas ao Brasil. A sua leitura do social contemporâneo está inteira nesta frase: “Après tout, il peut y avoir de la noblesse dans les émotions collectives” (2009a, p. 71).¹⁵

Rubens Paiva, o morto que nunca parou de assombrar a ditadura

Com a campanha centrada no Litoral Sul e Vale do Ribeira, o engenheiro Rubens Beyrodt Paiva foi eleito deputado federal por São Paulo em 1962, aos 32 anos, pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), com a plataforma eleitoral direcionada à construção de obras públicas (“como engenheiro civil foi quem construiu mais obras em nossa região: 12 pontes de concreto executadas e mais 16 projetadas – 3 ginásios – 8 grupos escolares – 1 escola agrícola [...]”).¹⁶ Nascido em Santos, havia sido no período secundarista diretor do Departamento de Esportes e do Centro Estudantil do Colégio de São Bento e presidente, quando acadêmico de engenharia civil, do Centro Acadêmico Horácio Lane, da Escola de Engenharia Mackenzie,

15 “Afinal, pode haver nobreza nas emoções coletivas.”

16 Ver: “Vamos eleger o nosso deputado: aos eleitores do Vale da Ribeira e do Litoral Sul”. Informe publicitário. A Tribuna, Santos, p. 8, 4 out. 1962.

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_04&Pesq=%22rubens%20paiva%22&pagfis=26381.

onde dirigira o *Jornal dos Universitários* e a *Revista de Engenharia*. Foi vice-presidente da União Estadual dos Estudantes¹⁷ e presidiu o Movimento Nacionalista Universitário.

Entusiasta na época estudantil da campanha “O petróleo é nosso”, iniciada em fins dos anos 1940 e culminada com a criação por Getúlio Vargas da Petrobras em 3 de outubro de 1953, e nacionalista convicto, Rubens Paiva foi vice-líder do PTB na Câmara dos Deputados, integrou a Frente Parlamentar Nacionalista e, em abril de 1963, compôs como vice-presidente a primeira formação da Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar fatos relacionados com o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) e o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), a qual ficou conhecida como a CPI do IBAD. As duas instituições anticomunistas constituíam o denominado por Dreifuss (1981) complexo IPES/IBAD¹⁸, forjado pela elite brasileira com apoio do capital estrangeiro e assessoramento da Agência Central de Inteligência (CIA) norte-americana para desestabilizar o governo de João Goulart. Em razão desta CPI, o IBAD foi suspenso pelo decreto presidencial nº 52.425, de 31 de agosto de 1963, e, na sequência, dissolvido. Com o golpe civil-midiático-militar de 1964, a elite orgânica (DREIFUSS, 1981) constitutiva do complexo IPES/IBAD se instalaria no poder.

Rubens Paiva fez parte da primeira leva de cassações dos direitos políticos pelo prazo de 10 anos pelo Ato Institucional nº 1, de 9 de abril de 1964, acompanhado, dentre tantos, pelo presidente João Goulart e o ex-presidente Jânio Quadros, o governador pernambucano Miguel Arraes, o deputado federal pela Guanabara e ex-governador do Rio Grande do Sul Leonel Brizola, o chefe da Casa Civil e sociólogo Darcy Ribeiro, o líder comunista Luis Carlos Prestes, o jornalista Samuel Wainer e os colegas da CPI do IBAD Eloy Dutra (PTB-GB), João Dória (PDC-BA) e José Aparecido de Oliveira (UDN-MG). Refugiou-se na Embaixada da Iugoslávia e em junho recebeu o salvo-conduto para deixar o país. Foi para Belgrado, passou por Paris e, de surpresa, retornou ao Brasil:

Ainda em 1964, pegou em Paris um voo para o Uruguai que fazia escala no Rio. Olhou a porta do 707 aberta no Galeão, a escada, chamou a aeromoça e disse que ia comprar charutos. Desceu do avião tranquilamente. Andou pela pista enquanto o avião era reabastecido. Foi andando pelos corredores de um aeroporto dos anos 60, sem os esquemas de segurança de hoje. Andou por lojas, circulou pelo

17 Ver: Rubens Paiva. Informe publicitário. *A Tribuna*, Santos, 12 set. 1962. Hemeroteca Digital. Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_04&pagfis=25796.

18 Ver Dreifuss, René Armand. 1964: a conquista do Estado: ação política, poder e golpe de Estado. Petrópolis: Vozes, 1981.



desembarque, viu as portas abertas. Não perdeu a oportunidade. De repente, estava na calçada do aeroporto. Deixou sua bagagem para trás, pegou um táxi até o Santos Dumont. Pegou uma ponte aérea. Apareceu em São Paulo, na nossa casa da alameda Tietê de surpresa. Minha mãe quase teve um infarto (PAIVA, 2015, p. 104).

Retomadas as atividades como engenheiro, Rubens Paiva, junto com amigos, ajudaria perseguidos pelo regime militar, denunciaria a correspondentes estrangeiros conhecidos arbitrariedades e torturas e intermediaria contatos e correspondências entre exilados e familiares no Brasil. Em 20 de janeiro de 1971 recebeu a visita de agentes do Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica (CISA) na residência no bairro Leblon, no Rio de Janeiro, para onde se transferira com a família dois anos após o retorno ao Brasil. Sob a justificativa de explicar a origem de uma carta de um exilado político endereçada a ele em posse de duas mulheres vindas do Chile detidas no Aeroporto Galeão, foi intimado a acompanhar os militares até o Comando da 3^a Zona Aérea. Foi no próprio veículo e depois disso nunca mais foi visto pelos familiares.

Rubens Paiva foi interrogado e torturado nas dependências da Aeronáutica e em seguida levado para o 1º Batalhão da Polícia do Exército, no bairro da Tijuca, sede do Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) do Exército, onde ele e mais 52 pessoas seriam assassinados durante a ditadura militar.¹⁹ Para justificar o desaparecimento, o I Exército forjou uma versão de resgate do ex-deputado por guerrilheiros – desmentida na sequência das investigações²⁰ –, divulgada em telejornais em 22 de janeiro e assim publicada pela Tribuna da Imprensa, no dia seguinte, com o título “Terror resgatou preso em operação-comando”:

Uma audaciosa investida de terroristas verificou-se na madrugada de ontem, no Alto da Boa Vista, quando oito homens armados de revólveres calibre “45” e metralhadoras interceptaram uma viatura onde viajavam três agentes de Segurança, que transferiam do Serviço de Diligências Especiais para uma unidade militar, um elemento identificado como Rubens Beyrodt de Paiva, ex-deputado pelo antigo PTB de São Paulo.

[...] Os subversivos fecharam a viatura policial, sob ameaça de armas. Mesmo assim os agentes conseguiram desembarcar de armas em punho, abrindo fogo contra os invasores. Disto se aproveitou Rubens que ficara no carro para correr em direção aos companheiros que o cobriam com pistolas automáticas e metralhadoras [...]” (TRIBUNA DA IMPRENSA, p. 2, 23-24 jan. 1971).

19 Ver: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-01/ato-pede-centro-de-memoria-em-quartel-que-abrigou-doi-codi-no-rj>.

20 Ver: https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/comissoes-da-verdade/volume_1_digital.pdf.

O reconhecimento da morte de Rubens Paiva pelo Estado brasileiro somente ocorreu em 4 de dezembro de 1995, com a Lei Nº 9.140, sancionada pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso, cujo Artigo 1 dizia: “São reconhecidos como mortas, para todos os efeitos legais, as pessoas que tenham participado, ou tenham sido acusadas de participação, em atividades políticas, no período de 2 de setembro de 1961 a 5 de outubro de 1988, e que, por este motivo, tenham sido detidas por agentes públicos, achando-se, desde então, desaparecidas, sem que delas haja notícias”.²¹ Em anexo, a lista com 136 nomes de pessoas desaparecidas contempladas pela lei, ocupando Rubens Beroydt Paiva a 120º posição por ordem alfabética.

Acompanhada pelo filho, o escritor Marcelo Rubens Paiva, Eunice Paiva receberia o atestado de óbito do marido em fevereiro no ano seguinte.²² Havia uma diferença no documento entregue aos familiares dos desaparecidos em comparação com os demais: ausências das especificações da causa da morte, local, hora e data e quem atestou a morte. Em janeiro de 2025, por força de resolução do Conselho Nacional de Justiça, a qual dispunha “sobre o dever de reconhecer e retificar os assentos de óbito de todos os mortos e desaparecidos vítimas da ditadura militar”²³, o atestado de Rubens Paiva seria retificado, com a inclusão da causa da morte: “não natural, violenta, causada pelo Estado brasileiro no contexto da perseguição sistemática à população identificada como dissidente política do regime ditatorial instaurado em 1964”.²⁴ Permanecem em aberto data, horário e local do falecimento e “nome do médico que atestou o óbito, ou se for o caso, das testemunhas”.

Um filme como cimento social

Um fato: o filme “Feliz Ano Velho”, dirigido por Roberto Gervitz, baseou-se no romance homônimo de Marcelo Rubens Paiva e foi lançado em 1987. Conta a história do personagem Mário, cadeirante aos 17 anos após acidente insólito, como o do autor do livro, entremeada por flashes de recordações familiares, em especial do período da ditadura militar

21 Ver: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1995/lei-9140-4-dezembro-1995-348760-normaactualizada-pl.html>.

22 Ver: “Eunice recebe atestado de óbito de Rúbens Paiva”, Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p. 4, 24 fev. 1996. https://memoria.bn.gov.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=030015_11&hf=www.google.com&pagfis=172724.

23 Ver: Conselho Nacional de Justiça, Resolução Nº 601 de 13 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://atos.cnj.jus.br/files/original215956202412166760a2dc481d0.pdf>.

24 Ver: “Certidão de óbito de Rubens Paiva é corrigida e responsabiliza ditadura”. CNN Brasil, São Paulo, 24 jan. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sudeste/sp/certidao-de-obito-de-rubens-paiva-e-corrigida-e-responsabiliza-ditadura/>.

no início dos anos 1970, quando o pai do personagem foi levado por agentes de segurança do regime e desapareceu para sempre. Apresentado no Festival de Cinema de Gramado de 1988, foi contemplado com 6 Kikitos: Prêmio Especial Júri Oficial, Melhor Filme Júri Popular, Melhor Roteiro, Melhor Fotografia, Melhor Som e Melhor Figurino. De 1987 até 2022, em levantamento da Agência Nacional do Cinema (Ancine) sobre os filmes brasileiros com mais de 500 mil espectadores entre 1970 e 2022, “Feliz Ano Velho” foi assistido por 532.756 espectadores.²⁵

Adaptado do correspondente livro memorialista de Marcelo Rubens Paiva, o longa-metragem “Ainda estou aqui”, de Walter Salles, “retrata como a vida de uma mulher comum [Eunice Paiva, interpretada por Fernanda Torres e, na fase final, quando acometida pela Doença de Alzheimer, Fernanda Montenegro], casada com um importante político [Rubens Paiva/Selton Mello], muda drasticamente após o desaparecimento de seu marido, capturado pelo regime militar”.²⁶ O filme foi exibido pela primeira vez no Festival de Veneza 2024, em 1º de setembro, onde recebeu o prêmio de melhor roteiro, e estreou nos cinemas brasileiros em novembro. Em três meses de exibição no Brasil, foi visto por 3,7 milhões de espectadores. Em 5 de janeiro de 2025 Fernanda Torres ganhou a estatueta de melhor atriz no Globo de Ouro, concedida pela Associação de Imprensa Estrangeira de Hollywood, e no final do mês o filme teve confirmada a indicação nas categorias de melhor atriz, melhor filme estrangeiro e, a inédita para uma produção brasileira genuína, melhor filme do Oscar 2025, principal premiação da indústria cinematográfica mundial.

Uma hipótese e uma tese. À primeira, a sincronia dos elementos discursivos, visuais e sinestésicos do filme “Ainda estou aqui” com as demandas de afetividade, bom senso, empatia e sensibilidade do ar do tempo atual, fermentado no Brasil por inconstâncias e tensões em meio a polarizações recorrentes, evidenciáveis pelas margens de diferença e alternância dos resultados das duas últimas eleições presidenciais e as altercações nas redes sociais, e, na esfera internacional, o encorpamento na Europa Ocidental das forças políticas cuja premissa é o banimento e, se preciso for, a eliminação dos adversários, desafetos, estranhos, estrangeiros, inconvenientes e opositores, o pan-eslavismo russo, o genocídio e êxodo palestino

25 Ver <https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/cinema/arquivos-pdf/listagem-de-filmes-brasileiros-com-mais-de-500-000-espectadores-1970-a-2022.pdf>.

26 Ver <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-265940/>.

implementado pelo Estado de Israel e as medidas diáspóricas contra imigrantes e ameaças expansionistas do segundo governo Donald Trump.

Quanto à tese, a acimentada empatia (“o cimento da agregação – que poderíamos chamar experiência, vívido, sensível, imagem – é o cimento composto pela proximidade, pelo afetual (ou pelo emocional)”) (MAFFESOLI, 1997, p. 207) de “Ainda estou aqui” com o público. O estabelecimento de uma cumplicidade orgânica comprovável pela permanência de parte expressiva da plateia até o término dos créditos do filme, sob os efeitos da fluidez temporal-sináptica da trilha sonora. A aproximação delicada e suave às searas da sensibilidade e cognição dos espectadores. A representação do trágico como embrião da coragem e resiliência e a saga da personagem, o combustível do relacional, da solidariedade endêmica dos filhos e pela inquebrantável consumação da justiça, sentimentos inerentes a qualquer pessoa afigida pelos mesmos acontecimentos e situações.

Liga e sinergia. “Esta ideia de interconexão é notável, pois privilegia o papel do cimento que o afetivo, o ombro a ombro, pode representar.” (MAFFESOLI, 1997, p. 125). Um lado a lado, individual, coletivo, cultural. A presidente da Academia Brasileira de Cinematografia, Renata Almeida Magalhães, interpreta a receptividade do filme fazendo a analogia da relevância do filme para a cultura brasileira em seis meses à importância do governo Juscelino Kubitschek ao processo de industrialização no país com o slogan “50 anos em 5”: “[...] afinal, estamos falando de autoestima, um reconhecimento para que o mundo entenda que somos culturalmente muito interessantes porque somos muitos, múltiplos e cheios de talento”.²⁷

Argumentos semelhantes aos aqui mencionados permeiam os artigos “Ainda estou aqui’ chega em breve aos cinemas, mas já está em nossos corações”, da colunista Rosana Hermann, da Folha de S. Paulo, e “Ainda estou aqui’ é um presente do Brasil para o mundo”, de Marcos Augusto Gonçalves, editor da Ilustríssima, caderno de cultura do mesmo jornal. Hermann, na semana seguinte à apresentação em Veneza, destacaria a sinergia do filme com a plateia: “Tudo ali é intenso e verdadeiro. Walter, Fernanda e Selton não conseguem conter as lágrimas ao receberem uma carga tão grande dos aplausos das mais de 1.000 pessoas, emocionadas com o filme que acabaram de assistir”.²⁸

27 Ver: 60 anos em 6 meses. ABCine, Rio de Janeiro, 22 jan. 2025. Disponível em:
<https://abcinecursos.org.br/60-anos/>.

28 Ver: <https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/rosana-hermann/2024/09/ainda-estou-aqui-chega-em-breve-aos-cinemas-mas-ja-esta-em-nossos-coracoes.shtml>.

Para Gonçalves, o principal do filme foi saber costurar os ares de tempos diferentes, porém conexos: “[...] com sua capacidade de entrelaçar a experiência daquela família brasileira com a memória política da ditadura militar e as assombrações do mundo em que vivemos, cada vez mais palpáveis e assustadoras”.²⁹ Ainda, com a indicação ao Oscar, o inevitável clima de Copa do Mundo: “Não há, então, como torcer o nariz para o clima de Copa do Mundo em torno do Oscar. É um tipo de provincianismo na verdade cosmopolita e carnavalizado – e a cerimônia, diga-se, será num domingo momesco” (GONÇALVES, Folha de S. Paulo, 23 jan. 2025). A casa, a rua e o outro mundo em efusão. Em campo e na torcida, o gregarismo da identificação, a cola da afinidade e afeição, o cimento social.

Créditos finais, ou algumas considerações

A estatueta de melhor atriz recebida por Fernanda Torres no Globo de Ouro e as indicações de “Ainda estou aqui” a 3 categorias do Oscar 2025 atiçaram, das publicações às redes sociais, o entusiasmo midiático e a empatia relacional. A Agência Brasil atribuiria à premiação, em “Prêmio de Fernanda Torres une o Brasil, diz diretora de Festival do Rio” e por meio da voz da entrevistada, a capacidade de aglutinar o sentimento do povo brasileiro em torno da obra cinematográfica.³⁰ O Jornal Nacional, da Rede Globo, o telejornal de maior audiência no país, associaria o prêmio a “uma taça de Copa do Mundo”³¹, com direito a buzinaços e manifestações de comemoração pelas cidades na madrugada de 6 de janeiro de 2025. Divulgadas as indicações ao Oscar, as redes sociais se mobilizariam.

Engajamentos, vibrações e entusiasmos compartilhados atualizam a relação de pertencimento a um todo contemporâneo, uno e divisível. Pacto emocional identificado com visões de mundo convergentes e ares do tempo aprazíveis, tal qual uma cola identitária, tribal e nacional, presente em marcadores como “#fernandatorresoscar2025”, “#somostodosAindaEstouAqui”, “vitória de todo um país”, a “arte de uma nação”, o “orgulho de ser brasileiro”. Estabelece-se a cumplicidade somática, a solidariedade societal, a afetividade da junção. Dá-se a lógica da identificação, a cultura do sentimento. O sentir em

29 Ver: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2025/01/ainda-estou-aqui-e-um-presente-do-brasil-para-o-mundo.shtml>.

30 <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2025-01/premio-de-fernanda-torres-une-brasil-diz-diretora-de-festival-do-rio>.

31 Ver <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2025/01/06/brasil-comemora-globo-de-ouro-de-fernanda-torres-como-uma-taca-de-copa-do-mundo.ghtml>.



conjunto como fundamento da socialidade, a partilha de percepções, sensações e sentimentos recíprocos.

Consideramos a noção de cimento social apropriada para a análise do objeto de estudo do presente artigo porque ela ilustra com propriedade as manifestações dos espectadores, públicos e mídias a respeito do filme “Ainda estou aqui”. O cimento social tem por característica aglutinar, aglomerar, colar e ligar, seja a partir de fatos, situações, ideias fundantes – “esta pode ser mito, história racional, fato legendário...” (MAFFESOLI, 2005, p. 25) – ou, por exemplo, pela vibração coletiva derivada de uma premiação inédita – a primeira atriz brasileira a ganhar o Globo de Ouro – ou o engajamento nacional por um feito épico para a produção cinematográfica brasileira – o Oscar de melhor filme. O cimento social é, por assim dizer, o elã do estar junto e com, a conjunção coletiva da comemoração de um gol ou do erguer uma estatueta.

Referências

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Rubens Beirodt Paiva. **Mortos e desaparecidos**. São Paulo, Comissão da Verdade do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/mortos-desaparecidos/rubens-beirodt-paiva>. Acesso em: 31 jan. 2025.

BRASIL comemora Globo de Ouro de Fernanda Torres como uma taça de Copa do Mundo. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 6 jan. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2025/01/06/brasil-comemora-globo-de-ouro-de-fernanda-torres-como-uma-taca-de-copa-do-mundo.ghtml>. Acesso em: 31 jan. 2025.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. **Relatório: Volume I**. Brasília, dez. 2014. Disponível em: https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/comissoes-da-verdade/volume_1_digital.pdf. Acesso em: 31 jan. 2025.

BRASIL, Cristina Índio do. Prêmio de Fernanda Torres une Brasil, diz diretora de Festival do Rio. **Agência Brasil**, Brasília, 6 jan. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2025-01/premio-de-fernanda-torres-une-brasil-diz-diretora-de-festival-do-rio>. Acesso em: 31 jan. 2025.

CABRAL, Renato; LAPA, Ronaldo (org.). Rubens Paiva: cai a máscara da repressão. In: **Desaparecidos políticos**: prisões, sequestros, assassinatos. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro pela Anistia; Edições Opção, 1979. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=bibliotbnm&id=337904158594&pagfis=11550>. Acesso em: 31 jan. 2025.

CERTIDÃO de óbito de Rubens Paiva é corrigida e responsabiliza ditadura. **CNN Brasil**, São Paulo, 24 jan. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sudeste/sp/certidao-de-obito-de-rubens-paiva-e-corrigida-e-responsabiliza-ditadura/>. Acesso em: 31 jan. 2025.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.



DREIFUSS, René Armand. **1964: a conquista do Estado**: ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis: Vozes, 1981.

EAGLETON, Terry. **Depois da teoria**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

ERICKSON, Paul; MURPHY, Liam. **História da teoria antropológica**. Petrópolis: Vozes, 2015.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

GONÇALVES, Marcos Augusto. “Ainda estou aqui” é um presente do Brasil para o mundo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, caderno Ilustríssima, 23 jan. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2025/01/ainda-estou-aqui-e-um-presente-do-brasil-para-o-mundo.shtml>. Acesso em: 31 jan. 2025.

HERMANN, Rosana. “Ainda estou aqui” chega em breve aos cinemas, mas já está em nossos corações. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 3 se. 2024. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/columnistas/rosana-hermann/2024/09/ainda-estou-aqui-chega-em-breve-aos-cinemas-mas-ja-esta-em-nossos-coracoes.shtml>. Acesso em: 31 jan. 2025. LYOTARD, Jean-François. **O Pós-moderno**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1986.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político**: a tribalização do mundo. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **Le temps revient**: formes élémentaires de la postmodernité. Paris: Desclée de Brouwer, 2009a.

MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção**: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade. 1. reimpressão. Porto Alegre: Sulina, 2009b.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MAGALHÃES, Renata Almeida. 60 anos em 6 meses. **ABCine**, Rio de Janeiro, 22 jan. 2025. Disponível em: <https://abcinecursos.org.br/60-anos/>. Acesso em: 31 jan. 2025.

MORIN, Edgar. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PAIVA, Marcelo Rubens. **Ainda estou aqui**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015.

POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 2005.

RUBENS PAIVA. Informe publicitário. **A Tribuna**, Santos, p. 5, 12 set. 1962. Hemeroteca Digital. Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_04&pagfis=25796. Acesso em: 31 jan. 2025.

TERROR resgatou preso em operação-comando. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 2, 23-24 jan. 1971. Hemeroteca Digital. Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=154083_03&pasta=ano%20197&pesq=%22Rubens%20Paiva%22&pagfis=3938.

VAMOS eleger o nosso deputado: aos eleitores do Vale da Ribeira e do Litoral Sul. Informe publicitário. **A Tribuna**, Santos, p. 8, 4 out. 1962. Hemeroteca Digital. Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_04&Pesq=%22rubens%20paiva%22&pagfis=26381. Acesso em: 31 jan. 2025.